

A menina dos torneios de tiro

Anabela Frazão

Caála, Angola

1950 – 1975

Texto Sara Alves

Anabela Frazão, agora com 60 anos, era conhecida como a menina dos torneios de tiro por quem vivia em Angola. Aos 15 anos, começou a ir às caçadas aos elefantes com o pai, que a queria educar como se fosse um rapaz, “era normal na altura, preferiam sempre os rapazes”, desabafa Anabela. “Só podíamos matar um ou dois elefantes, mas um dia fizemos uma coisa ilegal, ainda que fosse em legítima defesa”, conta um pouco envergonhada. Numa das montarias, seguia um amigo do pai menos experiente. Ele desconhecia que não se pode atirar ao chefe da manada, mas fê-lo. Sem o líder, o grupo ficou desorientado. Um elefante enrolou a tromba à volta da árvore onde eles estavam instalados e tentou deitá-la abaixo. A juntar à fúria desses elefantes estavam as fêmeas que queriam proteger as crias, tal como uma mãe quando vê o seu filho em perigo. Tiveram de matar muito mais que dois elefantes, provavelmente uns dez. Por sorte, o resultado não foi o pior.

Anabela cresceu em Caála, na actual província do Huambo, mas era na zona sul de Angola, em Cuanhama, que montavam o acampamento «com as mínimas condições». Os mínimos, ainda assim, incluíam um frigorífico. Pernoitavam numa mutala, um estrado de madeira feito em cima de uma árvore, em cujo ramo deitavam um colchão de espuma, para não fazer barulho, e à alvorada estavam prontos para a caçada. A acompanhar Anabela e o pai ia sempre um guia negro que lhes tocava nos

cotovelos quando a manada estava a chegar. Era o sinal combinado. Anabela admite que apesar de ter participado em muitas caçadas aos elefantes, só atirava aos pratos e aos pombos. Hoje confessa que nem um pombo consegue matar, nem uma mosca.

Anabela Frazão, desde pequena, balançou a vida entre as caçadas e os estudos. Depois veio estudar para Lisboa mas, assim que acabou o curso, em 1972, regressou a África para dar aulas de Português e História aos alunos do 2º e 3º ciclos. Ensinava os seus empregados a ler e a escrever, e também dava aulas de História. Dava também aulas aos professores de posto, docentes sem diploma cuja ambição era chegar a professores primários. Ensinavam aquilo que sabiam, mesmo que fosse pouco, às crianças das aldeias que não tinham como ir à escola. De noite, chegavam a fazer para cima de 30 quilómetros para aprender mais, e Anabela Frazão tinha muitos alunos assim. «Tinha um aluno muito bom, até lhe escrevi a dizer que ia ser um grande homem, e todos os Natais recebia um boi dos meus alunos, era a maneira que eles arranjavam de retribuir aquilo que eu lhes tinha ensinado». Esses gestos mostraram-lhe que uma professora também tem muito a aprender.

Mas esta é só metade da história. O outro meio conta-se com balas porque, apesar de inicialmente ter sido obrigada pelo pai, a verdade é que a rapariga tomou o gosto tanto aos tiros aos pratos como às caçadas. Participou em torneios alcançando o ouro em muitos deles. Noutros ficava-se somente pelo pódio, e também isso era alvo de notícia nos jornais angolanos. A paixão era acertar no alvo e a menina dos torneios de tiro corria Angola inteira para alimentar o gosto. Mas a caçada era a caçada, e nunca sentiu tanto África como nessas manhãs na savana. «Quando o Tomás, o meu criado, dizia ao meu marido “Menino, não há carne na geleira [frigorífico]“, eu já sabia o que ele queria dizer”, diz Anabela empolgada. Aquele era o sinal para avisar que, nessa noite, iam fazer uma caçada no jipe. Cometiam uma ilegalidade menor: levavam um

farolim, para verem melhor os caminhos. O pai de Anabela, dono de uma farmácia, era um homem respeitado na terra. Não havia de ser a iluminação extra a criar-lhe problemas.

Depois veio o 25 de Abril em Portugal, a independência em Angola, e com ela a guerra civil. Voltou à capital portuguesa e deu aulas, durante 15 anos, no ministério das Reformas Administrativas. Alguns dos seus alunos eram antigos elementos da PIDE. Uma vez, um deles gravou a aula. «Eu disse-lhe mesmo: “Ficou-te o bichinho, não foi?”», e ele teve que apagar tudo porque eu não autorizei as gravações», conta Anabela com um tom ligeiramente sarcástico. Mas acabou por adaptar-se a uma vida sem caçadas nem carreiras de tiro, que remédio. Em Lisboa, onde vive, a terra não tem o mesmo cheiro. Nem bichos.

Diz que Angola é o seu país natal, onde aprendeu a ser como é hoje, a ter valores que em Portugal não teria adquirido. O seu tiro certo foi esse: ter nascido lá, ter deixado aquilo que sabia e ter trazido consigo tantas relíquias, valores como a fraternidade, a gratidão e a amizade, em vez das riquezas que o seu pai tinha. Como forma de passar tudo para o papel, de bom e de mau que lhe aconteceu em Angola, está a escrever *Rosa de Porcelana*, mas ainda não sabe quando o livro será editado. Contudo, ainda hoje, nos seus sonhos, sejam eles passados na China, em Angola ou noutro país qualquer, é atormentada com os gritos do seu criado Tomás, igauzinhos aos do dia em que arrumou as malas e partiu de África para sempre: «Leve-me consigo menina, por favor, senão vou morrer aqui».